

LITERATURA PARA SE VER: ANGELA-LAGO, *UM LIVRO DE HORAS E DO MÊS DE ABRIL DA CAPITAL NACIONAL DA LITERATURA*

Fabiane Verardi Burlamaque¹

Miguel Rettenmaier²

Tania M. K. Rösing³

Passo Fundo é conhecida como a sede de um dos maiores debates literários da América Latina, a Jornada Nacional de Literatura, idealizada há quase três décadas pela professora da Universidade de Passo Fundo, Tania Rösing, e apoiada, ainda sob o nome de Jornada Sul-Rio-Grandense de Literatura, por Josué Guimarães, consagrado escritor gaúcho. Na base da idéia que mobilizava e ainda mobiliza as Jornadas, mais do que o interesse pela realização de um evento acadêmico de literatura, estava e está uma necessidade de forte impacto social e educativo: formar leitores e, desse modo, mudar a realidade. Assim, na origem dos trabalhos em Passo Fundo e no que perdura até hoje, o objetivo de formar sujeitos autônomos, críticos e esteticamente sensíveis está pautado pelo contato consciente com a arte literária e com a cultura artística.

Ao longo do tempo, desde 1981, as Jornadas Literárias de Passo Fundo se ampliaram em uma série de outros desdobramentos, entre os quais se destacam: a Jornadinha Nacional de Literatura, destinada às crianças e aos jovens de ensino fundamental e médio; o Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, encontro itinerante de natureza científica, que, desde 2003, faz sede em Passo Fundo nos anos de Jornada Literária e em outras cidades da Europa; o Encontro Nacional da Academia Brasileira de Letras: revisitando os clássicos, momento em que os imortais da academia discutem, junto ao público, clássicos da literatura brasileira; o Encontro Estadual de Escritores Gaúchos, em que escritores e público discutem os meandros na literatura gaúcha; o Seminário Internacional de Contadores de Histórias, em que se reflete sobre o texto escrito na narração oral, enfatizando a questão do estilo e da autoria.

Tais ações em prol da leitura valeram à cidade, por força da lei federal nº 11264, de 02 de janeiro de 2006, sancionada pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, o título de Capital Nacional da Literatura. Em virtude de tal título e pelo fato de a

¹ Universidade de Passo Fundo (UPF)

² Universidade de Passo Fundo (UPF)

³ Universidade de Passo Fundo (UPF)

Jornada de Passo Fundo ser uma movimentação cultural permanente, criou-se, no mesmo ano de 2006, o projeto “Livro do Mês”, que, na parceria entre a Universidade de Passo Fundo, a Prefeitura Municipal de Passo Fundo e as editoras, tem grande impacto na comunidade passo-fundense e da região. Como o próprio nome, em parte elucidada, o projeto mensalmente traz ao município de Passo Fundo e às cidades vizinhas o autor de uma obra literária, previamente lida pela comunidade, para discutir com seus leitores aspectos relativos à leitura do texto, suas possíveis interpretações, o entorno de sua produção, além das outras tantas questões que se levantam na complexa experiência de contato e relação com toda produção literária e estética de qualidade. O projeto envolve professores, alunos, comunidade acadêmica e sociedade em geral em uma atmosfera de cultura aberta e livre. Os livros são de natureza literária e destinados principalmente ao público jovem. No primeiro ano do projeto, foram atingidas 7.257 pessoas. O público total em 2009 foi de 8.480 pessoas.

É importante salientar, todavia, que a presença do autor é o ponto forte do encontro, mas é posterior ao ato de leitura, como se materializasse, no contato com os leitores, a idéia de que a leitura literária se deu e existiu em um sistema e um contexto que envolvem e amarram as pontas da produção e da recepção da arte, em uma ampla concepção estética. Ler, nas bases do que mobilizou as Jornadas Literárias de Passo Fundo, é um ato social, uma atitude reflexiva, contemplativa, que envolve a interação entre os sujeitos, leitores e autores, da mesma forma como, no que interligou intimamente leitura à cultura em quase três décadas de trabalho, ler tem em si uma acepção plural, que abrange os códigos verbais e não verbais, as linguagens textuais e, posteriormente, hipertextuais, os suportes impressos e as mídias de modo geral. Observada a riqueza de recursos e a amplitude semiótica que adere aos enunciados em múltiplos contextos comunicativos, torna-se fundamental uma percepção que evite restrições ao ato de ler:

torna-se imprescindível desencadear um processo de formação de leitores capazes de atuar com autonomia diante dessa pluralidade em que se configura o ato de ler sem perder a criticidade. É uma leitura sem interdição, sem limites, mas que precisa conservar a coerência.

Infere-se, portanto, que a multiplicidade de linguagens e de recursos tecnológicos, ainda pouco conhecidos em suas estruturas e mecanismos básicos, determina a formação de leitores competentes para manipular textos mais complexos por sua estrutura verbal e por seus recursos não exclusivamente verbais. (RÖSING, 2001:19)

Na realidade, de alguma forma (ou de várias) é essa a “arqueologia” da leitura segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman:

Michael Foucault, em *A arqueologia do saber*, chama a atenção para o fato de que os discursos se impõem a todos os indivíduos, “segundo uma espécie de anonimato uniforme”. Na nossa acepção, a leitura constitui um discurso que se revela em textos, em emblemas, em problemas, em tomadas de decisões, em políticas. Ela dispõe de antigas e novas tecnologias, como foi a seu tempo a escrita em pedra e é, hoje, a edição de textos por *softwares* de transmissão eletrônica. Ela – a leitura – invade modos de comunicação públicos e privados, tais como, de um lado, jornais, *outdoors*, e, de outro, cartas e confissões. Manifesta-se em gêneros da oralidade e produtos impressos: provérbios populares ou declamações em praça pública, por outra parte, romances e crônicas vinculados pela indústria tipográfica, por outra. (LAJOLO & ZILBERMAN, 2009: 21)

Nesse sentido, seria interessante refletir sobre a natureza do Livro do Mês de Abril – *Um livro das horas*, de Angela-Lago, que, em 2009, recebeu o Prêmio FNLIJ na categoria Melhor Ilustração. Angela-Lago foi premiada em vários países, é autora e ilustradora de cerca de 30 livros no Brasil e tantos outros na França, Estados Unidos, Espanha e Japão. A autora organizou, traduziu livremente e ilustrou *Um livro de horas*, que é uma seleção de poesias de Emily Dickinson, com edição bilíngue.

Na tradição “livro de horas” é um gênero medieval de leitura, constituído de orações e salmos para as diversas horas do dia. Em geral, em um momento da história do livro e da leitura anterior à prensa de tipos móveis, era ornamentado artesanalmente, em especial nos conventos e abadias da Idade Média, por iluminuras e representações imagéticas e figurativas executadas nos próprios manuscritos. A sua elaboração era um ofício esteticamente refinado e bastante importante no contexto da arte medieval. Nesse sentido, o suporte livro, no século XXI, afetada a hegemonia da impressão que “naturalizou” o papel e o livro como suportes por excelência de leitura, ganha sentido, faz de si mesmo, como mídia, objeto de leitura. Lemos e vemos o livro, feito para nosso dia, para nossos olhos, para nossa vida. O livro é o objeto de leitura, não apenas o texto.

Angela-Lago, desde os anos 1980, ressignifica o livro em suas produções. Seus primeiros trabalhos garantiram à ilustração, em comparação com o escrito, um caráter de equilíbrio em importância, em relevância semântica tão ou mais acentuada do que o registro verbal. *Chiquita Bacana e outras pequenitas*, de 1986, acredita-se, tenha sido um dos livros impressos que, primeiramente permitiu o entrelaçamento entre palavra e imagem, não no sentido complementar, mas na ordem de uma ação relativa, que faz da

própria palavra uma imagem integrada aos signos verbais. O livro associa à linguagem verbal a abertura de janelas, que simulam páginas de livros e folhas soltas, como interfaces gráficas que colocam em discussão mesmo o texto em que se encontram, como em uma espécie de metatexto, como um tipo de elemento auto-referente. Nesse processo de auto-referência, de alguma forma, em *Chiquita Bacana e as outras pequenitas*, a parte verbal, tais “janelas” dobram-se sobre as ilustrações em um encadeamento narrativo renovado. O resultado disso é que a riqueza semântica do texto se estabelece na *linkagem* de distintos códigos, em diálogo e entrechoque, para novas possibilidades interpretativas. *Outra vez*, uma obra literária sem palavras, também de Angela Lago, narra o percurso de um vaso de flores das mãos de uma personagem do povo, por entre inúmeros espaços, por diversas mãos, até seu retorno à primeira dona. Interessante é a idéia de percurso por vários espaços, através de diferentes acessos, principalmente, “janelas”, em uma perspectiva dupla, fragmentada pela abertura total do códice, o que implica uma violação da linearidade do ponto de vista e do suporte livro. De modo semelhante, em outra obra, Angela-Lago reitera a discussão sobre o objeto livro ao confrontar páginas, traços e perspectivas na obra *A banguelinha*. A narrativa, em primeira pessoa, une e confronta dois tipos de registros, o cursivo manual e o datilográfico, sobre o qual são frequentes correções “à mão”. Da mesma forma, confronta-se o verbal e o visual, ao complementar-se o registro narrativo escrito com ilustrações de traço marcadamente pessoal da parte do narrador, uma senhora que tecla em uma máquina datilográfica e desenha. O livro, no qual a princípio se conservaria um conteúdo definitivo, revisado e elaborado, é posto em situação significativa, além de suporte ou portador de texto, quando as personagens invadem o ponto central de dobradura do códice e invadem a outra página. A personagem perversa, no caso uma síndica autoritária, desenhada como uma bruxa, em um movimento oscilatório, de pé, projeta-se à frente, corta a dobradura e ingressa, apenas com a cabeça, na página na qual estão sentadas as demais pessoas do condomínio. De um lado do livro o movimento repressor, do outro, os reprimidos agrupados e aparentemente indefesos.

O objeto livro, mais uma vez é tematizado por Angela-Lago em *Um livro de horas*. Em primeiro lugar, a autora escolhida pela ilustradora tem em si um tato particular com o texto e seu suporte. Sem jamais publicar, a escritora produziu e resguardou sua poesia em “fascículos”, em caderninhos que ela mesma elaborava e costurava. O trato manual com o suporte, a maneira de “fazer” o livro, nesse sentido, ganha o cuidado estético da palavra, como se a poesia fosse bordada em texto, que é

cosido em papel, que é unido e alinhado em caderno. Nesse sentido, Angela-Lago atentou para estes detalhes ao selecionar e traduzir os poemas que compõem o livro: escolheu aqueles que tocam com simplicidade, evocando o canto e o reencantamento do mundo. As ilustrações da autora lembram as iluminuras do códice nas origens do livro impresso ou mesmo anteriores a ele. De acordo com Angela-Lago, em sua participação, no projeto Livro do Mês de abril de 2010, na Universidade de Passo Fundo, tais ilustrações:

só lembram, porque é claro que quando uma linguagem é retomada, é feita no seu momento e modificada. Espero ter modificado, ter feito a minha homenagem a essa grande autora que não publicou nenhum livro enquanto viva e fez ela mesma os seus livros, costurou pedaços de papel, bordando a capa. É uma homenagem fazer um livro impresso com o cuidado que era feito no princípio do códice.

O texto escrito e, posteriormente, impresso de Dickinson, agora traduzido e ilustrado por Angela-Lago, ganha outra tessitura, não mais profunda, mas particularmente acentuada ao leitor de língua portuguesa com a sensibilidade estética perante enunciados verbais e visuais na hora em que, por exemplo, “Tudo parece sem sentido”, como se encaminha ao leitor, no *Um livro de horas*”, o poema 919:

Se eu aparar, antes que quebre,
Um coração,
Minha vida não foi em vão.
Se a uma dor oferecer vinho
Se assopra uma ferida,

Se ajudar um passarinho
Que caiu de volta ao ninho,
Não foi em vão minha vida.

If I can stop one Heart from breaking,
I shall not live in vain.
If I can ease one Life the Aching,
or cool one Pain

Or help one fainting Robin
into his Nest again,
I shall not live in Vain.

O trabalho artístico de Angela-Lago busca traduzir o que vem “atrás” ou “acima” do poema, sua alma ou sentido, pela palavra e pela imagem. O texto de Dickinson tem a espiritualidade, se podemos assim dizer, de conforto, de alívio, de ajuda. A imagem mais cândida do poema, em inglês original, expressa-se pela devolução de um pássaro a seu ninho, cuja salvação pode dar sentido à vida. Às palavras iniciadas com letras maiúsculas, *Heart*, *Life*, *Aching Pain*, *Robin* e *Nest*, inclui-se, na segunda estrofe, ao final, o termo *Vain*, repetida, mas modificada, já que no segundo verso, acima, começa em minúscula. O gesto solidário de alguma maneira dá sentido ao ser que é benevolente. Na obra de Angela-Lago, o substantivo

Robin se traduz por passarinho, aproximada em rima e significado à palavra ninho, presente no texto de Dickinson. Angela-Lago, contudo, reforça a sonoridade do diminutivo acrescentando não outro termo singelo, que prejudicaria esteticamente o texto, mas uma objetividade com muito sentido, o vinho. Simbologia religiosa de salvação, bebida inebriante e, por isso, anestésica. O vinho, como signo e como aspecto esquematizado, reforça a espiritualidade do texto, acentua ao leitor do aqui, Brasil, e do agora, tempos em que, às vezes, tudo parece haver perdido seu porquê, o conforto de um possível sentido quando no apoiar ao outro em suas penas, em suas dores, em suas quedas. E dessa bondade, em torno dela, faz-se beleza que nem as palavras conseguem atingir. A ilustração detalhada, ornada com cuidado, pedaço a pedaço, minudenciada a ponto de fugir do olhar, faz das flores e das folhas motivos em que o simples torna-se sublime, em que o singelo ganha a força dos mistérios. A página do livro e os textos em convergência, feitos para se ler e se ver, permitem contemplar o que está além dos olhos, o que está na alma.

Angela-Lago parece ter intuído, bem antes da revolução do hipertexto, que a escrita, como realização humana, tem uma genética menos linear do que se imaginava. Sua forma cursiva esconde um universo de imagens que se permitem, em dados momentos apenas pelo verbal, mas que potencialmente existem em possíveis combinações que tanto podem ser atualizadas pelo autor quanto pelo leitor. Nesse sentido, a leitura e escrita são hipertextuais. Para Jean-Luis Lebrave, a tecelagem em *links* entre elementos significativos é constitutiva de todos produtos linguísticos, embora texto e hipertexto tenham diferenças em termos de possibilidades:

In a printed work, the connectivity is a prisoner of the sequential chain e hierarchical order. Transversal links generally remain implicit and must be (re)constituted by the reader. By contrast, hipertext allows for the elucidation, multiplication, and diversification of links. As Volter writes, “the texture of the text becomes thicker”. (LEBRAVES, 2004:222)⁴

A espessura do texto, para Lago, está na própria mídia que é o livro, no próprio suporte, objeto de sentido e com sentido. Sua maneira de ser, aparentemente linear e consecutiva, pode apontar para possibilidades criativas que diversificam códigos, ordens, impressões, perspectivas, em associações que, fazendo confrontar e convergir, permitem

⁴ Em um trabalho impresso, a conectividade é prisioneira da cadeia de sequência e da ordem hierárquica. Os links transversais geralmente se mantêm implícitos e devem ser reconstituídos pelo leitor. Por contraste, o hipertexto permite a elucidação, multiplicação e diversificação dos links. Como escreveu Volter, a textura do texto se torna mais densa. (Tradução livre dos autores)

outros sentidos, novas maneiras de ler e novas possibilidades de interpretação, implícitas, escondidas e mesmo inefáveis.

Para Angela, fazer e traduzir *Um livro de horas* foi uma experiência lenta e longa, uma vez que a autora declara que, “desde menina costuma declamar poemas nas horas de aflição”. Além disso, Angela menciona que “Emily Dickinson é uma poeta que eu admiro há muitos anos, trabalho e leio os poemas dela. O livro está dentro de uma coleção que vai se chamar livros Iluminados, que são feitos como os primeiros livros da mídia impressa”, explica. Destaca, ainda, que a coleção vai ser feita para chamar a atenção para um momento que estamos vivendo, que é de revolução em relação a mídia, o papel e as novas mídias digitais, as quais têm admiração e pretende trabalhar. “Esses últimos livros de papel que estamos desenhando precisam ser desenhados muito cuidadosamente e todo o meu trabalho foi nesse sentido, de fazer um trabalho muito amoroso”, conclui.

Dentre os 1775 poemas “da senhorita reclusa do século XIX”, sem títulos e encontrados em cartas e cadernos, Angela-Lago selecionou vinte e quatro e apresentou ao leitor de agora. Se a literatura tem uma função espetacular, se é capaz de fazer-nos mais humanos, se tem a capacidade de fazer o leitor se ver, a obra de Angela-Lago, atualizando, verbal e visualmente, para leitura e visão, a poesia de Emily Dickinson abre possibilidades sensíveis de humanizar os sujeitos de hoje. Afinal, para fazer mais humanos os indivíduos faz-se a literatura, para fazer mais humana a realidade, há o projeto “Livro do Mês.

Referências

- DICKINSON, Emily. *Um livro de horas*. Tradução e organização de Angela-Lago. São Paulo: Sipione, 2007.
- LAGO, Angela. *A banguelinha*. São Paulo: Moderna, 2002
- _____. *Chiquita Bacana e outras pequetitas*. Belo Horizonte, LÊ: 1986.
- _____. *Outra vez*. 3ª ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1984.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *Das tábuas da lei à tela do computador: a leitura em seus discursos*. São Paulo: Ática, 2009.
- LEBRAVES, Jean-Luis. *Hipertexts-memories-writing*. In: DEPPAN, Jed; FERRER, Daniel; GRODEN, Michael. *Genetic Criticism*. University of Pennsylvania, 2004.
- RÖSING, Tania. *Perfil do leitor: em formação*. Passo Fundo: UPF, 2001.